

○ MOSTEIRO

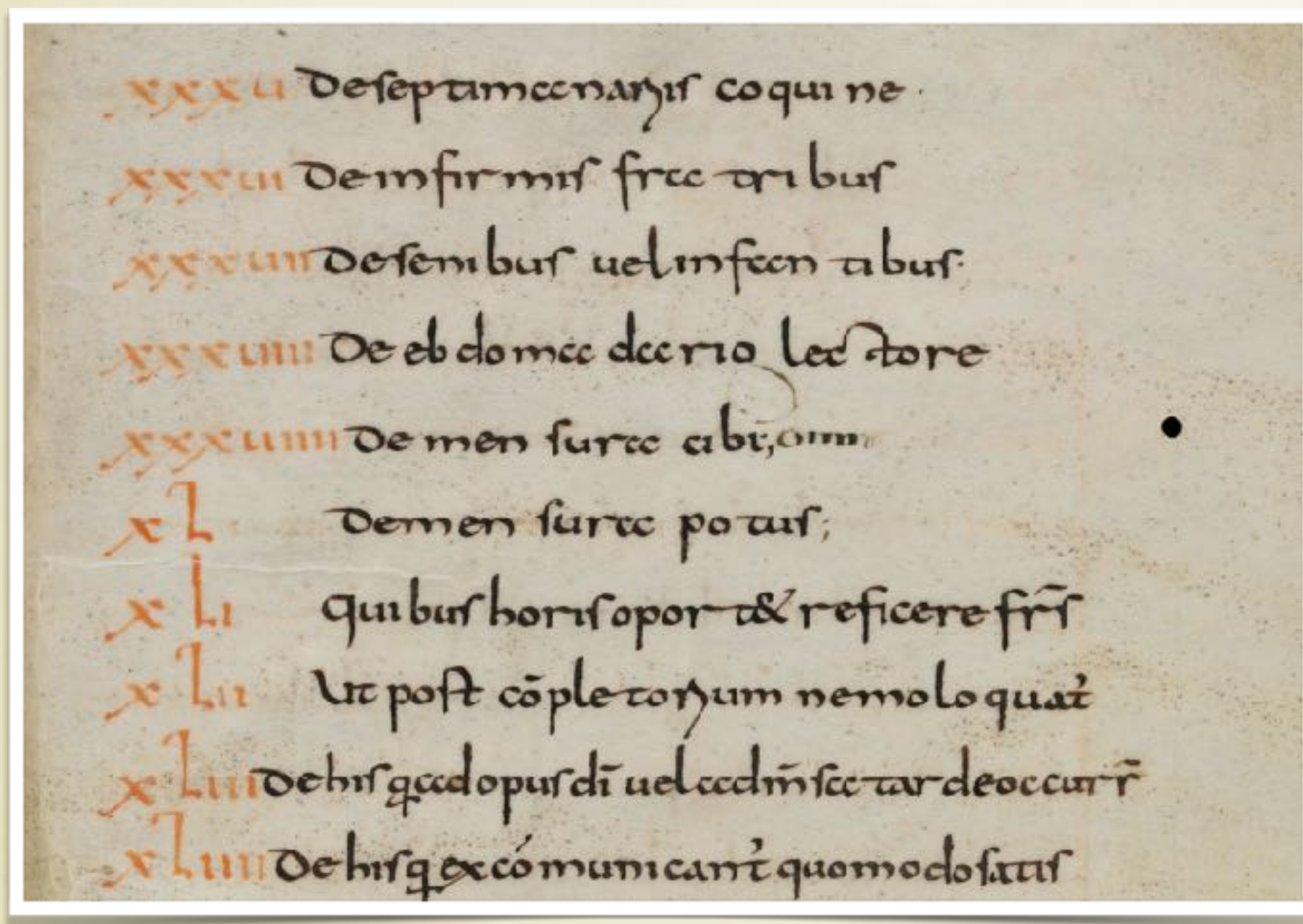
○ LOCAL



O **monaquismo** cristão, apareceu por finais do século V, por iniciativa dos bispos e está ligado ao desejo de isolamento, de evasão do mundo profano (*fuga mundi*), para uma entrega mais direta a Deus, através do **ascetismo**, isto é, da meditação e da contemplação.



Surgiram as primeiras comunidades de monges e monjas, dispostos a seguir o modelo do mestre. A partir dos séculos VI e VII que surgiram os primeiros **legisladores** da vida religiosa comunitária como **São Bento** de Núrsia.



Os Regulamentos - ou **Regra** - que este escreveu para os seus cenobitas (monges) em 529. na Abadia de Montecassino. serviu de modelo para a organização da vida religiosa comunitária na maior parte dos mosteiros medievais europeus, até ao século XII.

IN NOMINE DOMINI AMEN
CHRISTIANE REGULE
PATRIS ENIM BENEDECTI
SIG. MONAST. SANC. GALLI

Obsculta ofili precepta magis
et inclina aurem cordis tui &

ad monitionem preceptoris libenter & curre

& efficaciter comple. ut ad eum per

obediencie laborum redeas a quo per

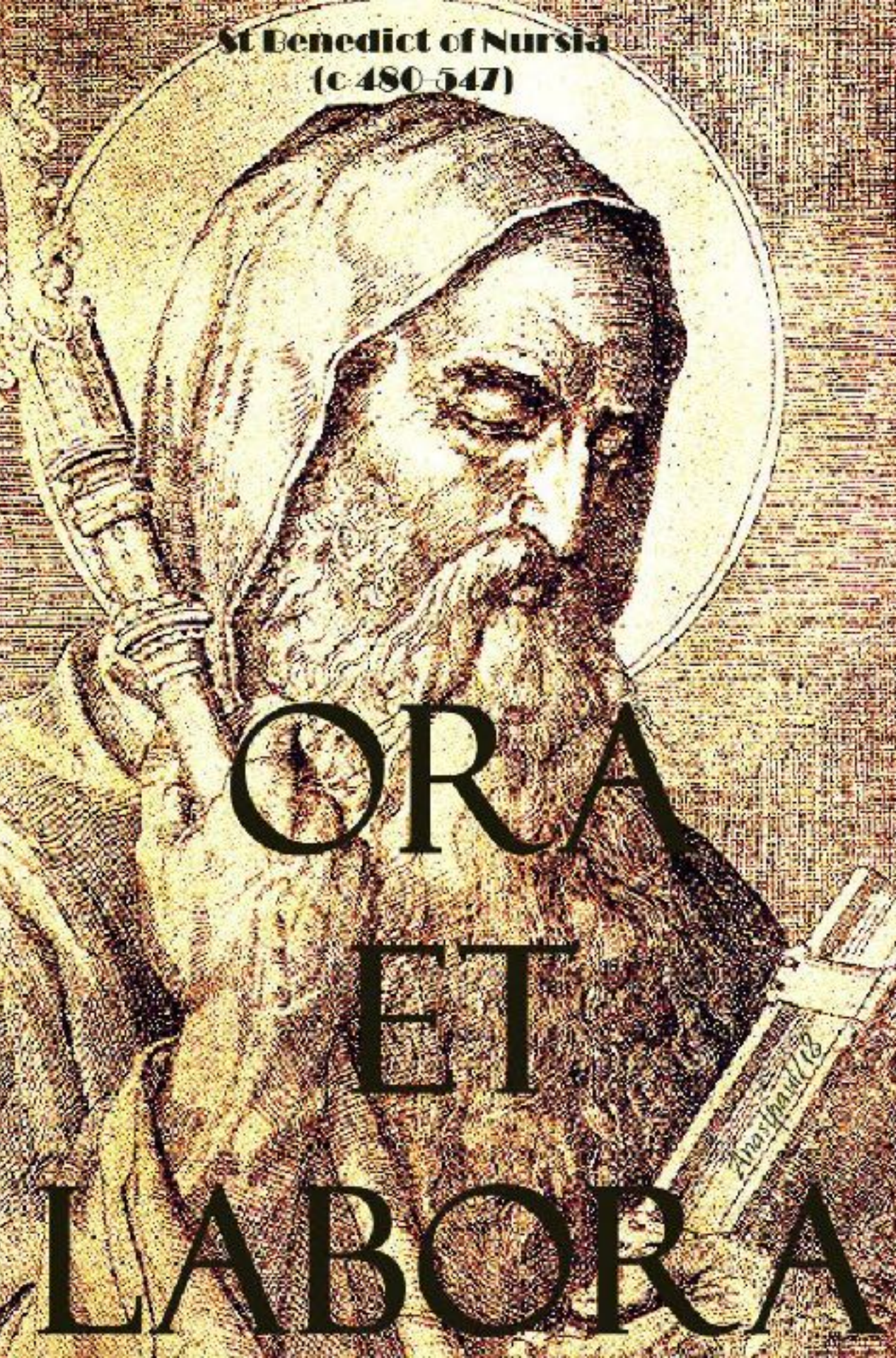
inobediencie delictum recesseris;

Ad te ergo nunc magis sermo dirigatur

quis quis abrenunciens propriis volunt

A **Regra** de São Bento dominou o Ocidente até ao século XII servindo de **modelo** e **regulamento** a todas as comunidades religiosas do Ocidente.

St Benedict of Nursia
(c. 480-547)



Na Regra, o mosteiro era “**uma escola ao serviço do Senhor**”, onde o abade era o pai e mestre dos irmãos (comparados aos anjos), e cuja comunidade tinha por princípios básicos os da **obediência, silêncio e humildade**, na ordem de Deus.

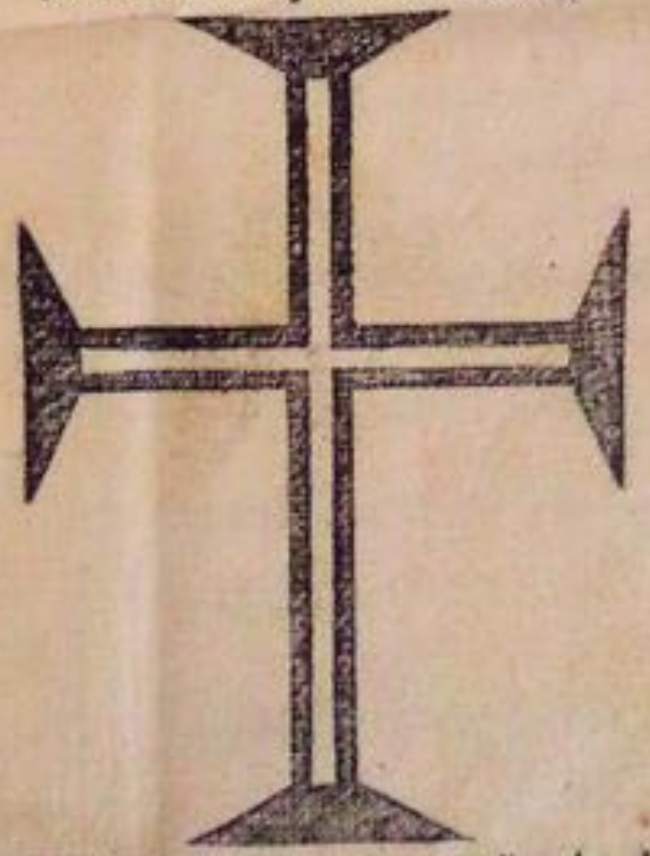


Obrigação dos monges:
- ofício divino (culto religioso);
- o trabalho no scriptorium, nas oficinas, nos campos, desde o romper do Sol até   noite (**ora et labora**).

R E G R A
D O N O S S O G L O -
R I O S O P A D R E S . B E N T O
Abbate, Confessor, & Patriarcha
de todas as Religioes,

Dada aos Freyres da Ordem de nosso Senhor Iesu Christo, & traduzida de Latim em Portugues, na forma que primeiro foy approvada, & confirmada pellos Summos Pontifices, quando a mesma Ordem se reformou.

Agora nouamente impressa, por mandado do nosso Reuerendissimo Padre Dom Prior, & Gèral da mesma Ordem de Christo, Frey Andre Pacheco.



Com licença da sancta Inquisição, Ordinario, & Paços.

Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey. Anno 1623.

A **Regra beneditina** era **hierarquizada** e definia os **cargos** e as **tarefas** de cada um, estabelecendo um **código penal** para os incumpridores com sanções que incluíam a **flagelação**, o **isolamento**, a **abstinência**, a **meditação**.

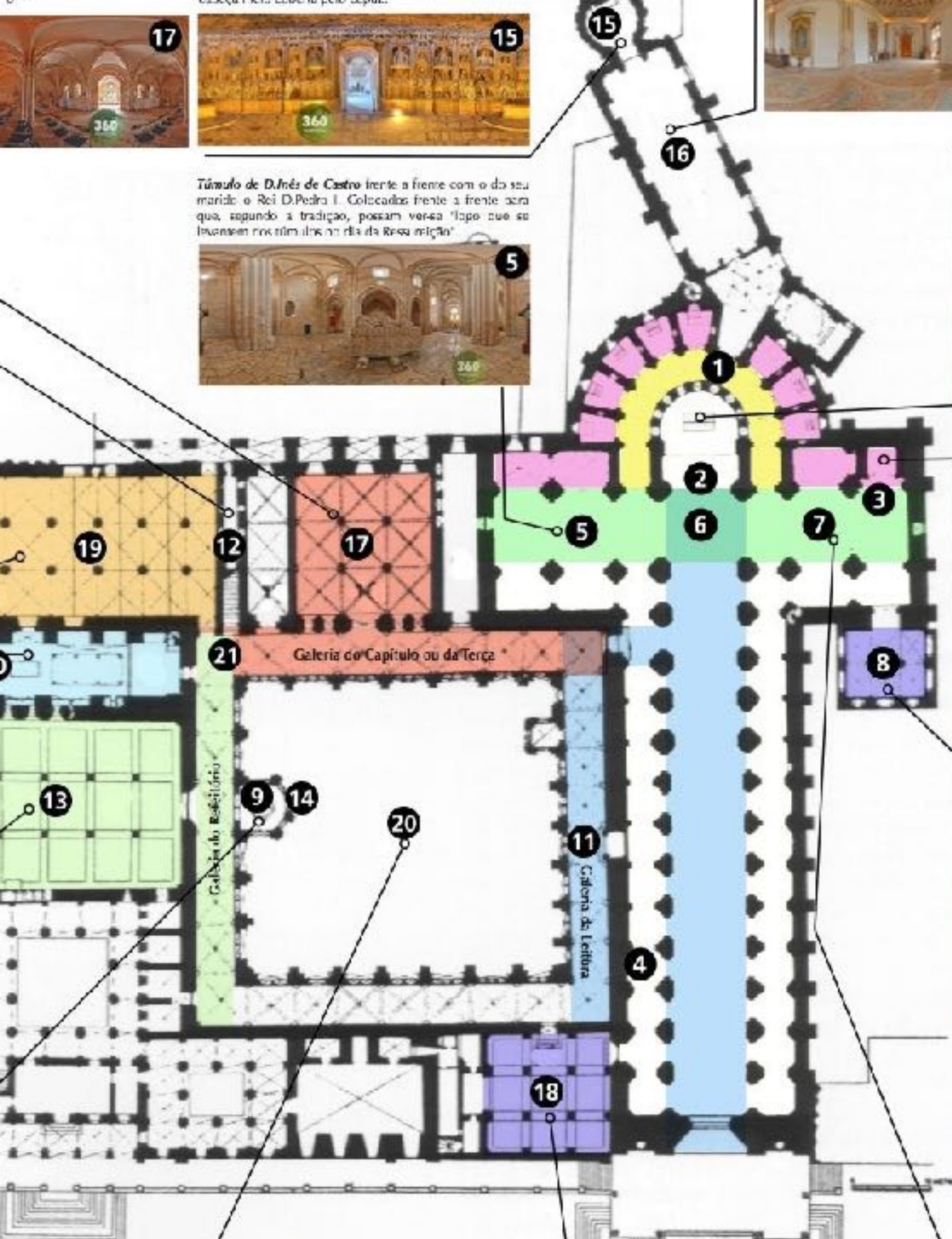


Seguindo o ideal **ascético** da *fuga mundi*, os mosteiros medievais estavam quase todos instalados em **zonas isoladas**, no alto das montanhas ou em vales e clareiras das florestas, embora alguns existissem no seio das cidades.



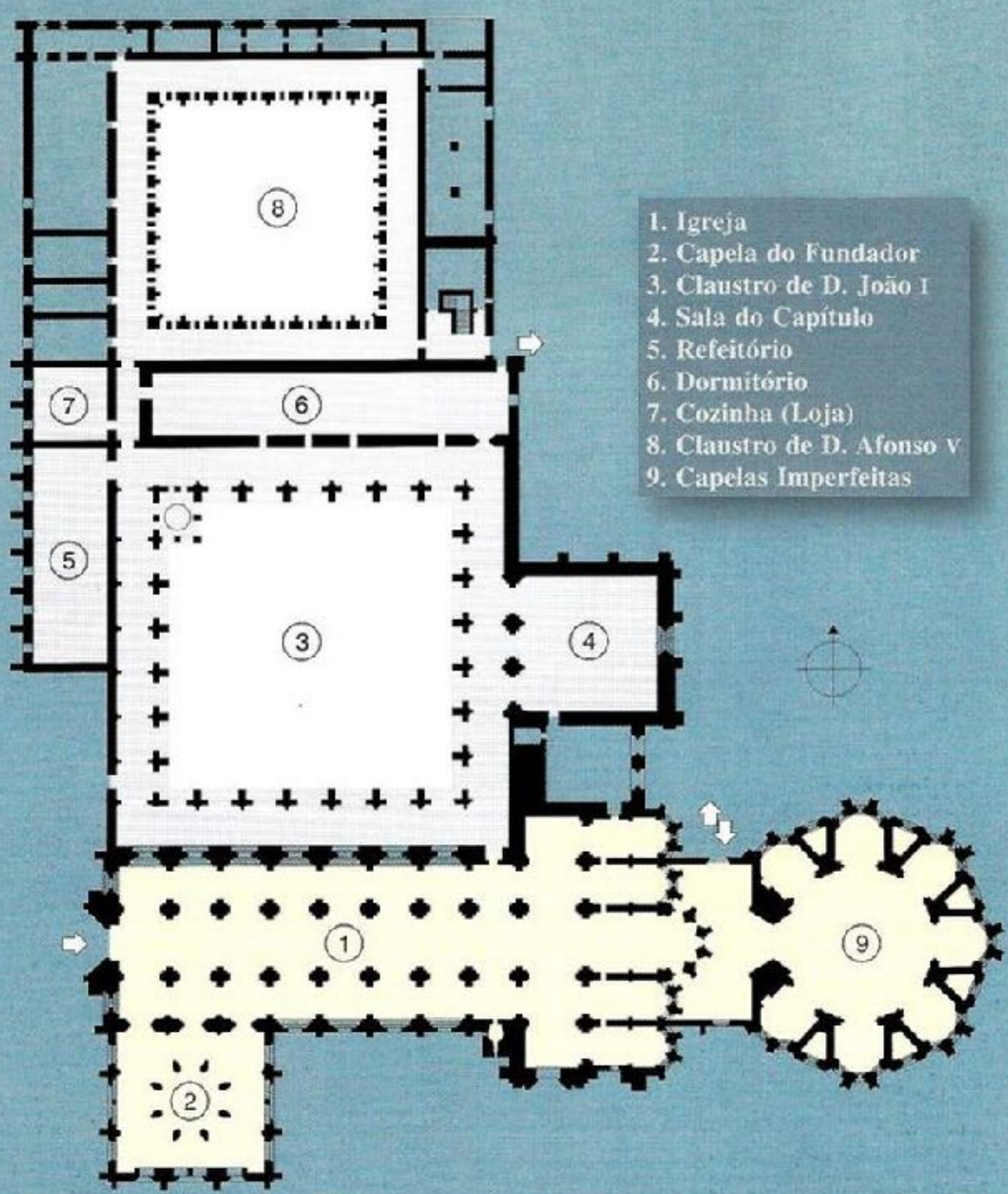
O mosteiro, a materialização do Paraíso na Terra

Eram concebidos como **pequenos mundos autónomos e auto-suficientes**, virados para o seu interior e fechados ao exterior por muralhas e portas, rigorosamente vigiadas e regulamentadas por cargos próprios (porteiro, hospedeiro, esmoleiro ...)



Organização espaço-funcional do mosteiro (inspirado na villa romana):

- **lugar de Deus** - a Igreja, ponto de junção entre a Terra e o Céu, ela própria concebida, na sua planta basilical em cruz latina, como o corpo de Cristo;
- a sul, um pátio descoberto, fechado pelos edifícios mais importantes do mosteiro - o claustrum, cujo acesso é também reservado;
- a ala nascente, junto à cabeceira da igreja destina-se às funções espirituais (capítulo, escola, escritório ...) e à residência da irmandade;



- a ala a sul do claustrom agrupa as dependências mais funcionais (refeitório, cozinha, despensas, adegas, banhos, latrinas, estábulos, oficinas ... e, para além delas, pomares, hortas, vinhas, jardins);

- a oeste, junto da zona de entrada no mosteiro, os que estão a iniciar-se ou de passagem: os noviços, os hóspedes, os inválidos e doentes, os velhos e até os mortos pois o cemitério era também colocado nesta zona, com as sepulturas alinhadas para este, símbolo da Ressurreição.

O Capítulo formava por um quadrado coberto por abóbodas de cruzaria de ogivas, suportadas por quatro pilares de colunas entalhadas e capitéis octogonais, cre depois da igreja a sala mais importante para a comunidade. Nela, os monges elegiam os abades, tratavam todos os assuntos importantes, acusavam-se publicamente das faltas contra a observância da regra, distribuíam os trabalhos e tinham lugar a cerimónia de profissão monástica de novos monges.

O refeitório, em planta octogonal e é iluminado por uma abertura zenital. Foi construído nos finais do séc. XVII durante o abadeado de Frei Constantino do Sampaio (1699-1677). O seu interior é fechado em volta durante o dia, com pilares que abrigam sete estátuas e servem a um busto-relevo de madeira e de barro cozido polícromados. A Virgem, com as mãos estendidas e adianta num gesto de acolhimento, encontra-se ao centro, rodeada por sete. A sua direita, São Bernardo, virado para a capela com capelo, e à sua esquerda, São Bento, com a cabeça meio coberta pelo capuz.

A Sacristia original em séc. 16 (lado de Castelo) era Matadouro, e foi durante o terremoto de 1755. Rescu, apesar do edifício destruído, existe desde o desmantelamento. A actual sacristia é da segunda metade do séc. XVIII. A planta é composta por arcos de madeira pintos, e dois arcos de cada lado da porta de entrada, em conjunto com luminárias, em madeira e barro dourado de 1666.

O dormitório medieval era um espaço único como aqui vemos, os caires estavam separados por divisórias baixas, e os monges dormiam vestidos. Nos finais do séc. XVI, o dormitório medieval foi dividido, deixando a nave central como corredor de acesso aos quartos nas duas naves laterais.



A Abside, está apoiada em 3 pilares que apoiam verticalmente uma abóbada nervurada de 100°. Esta abóbada é mais alta do que as capelas radiantes. Exteriormente o momento horizontal do peso desta abóbada é anulado por arcobotantes esculpidos. Esta é das primeiras experiências de Arcobotante em Portugal, em conjunto com a Sé do Porto e a igreja do Mosteiro de Terrouca.



A sala dos **Monges** devia ter servido de novidade até ao séc. XVI, mais tarde a mercadoria ou celum e adaga. Dividida em três naves por duas filas de colunas, apresenta cinco patamares possivelmente para carga e desluz do terreno. A norte, uma parede a todo o comprimento forma um corredor estreito que devia ter servido de paratário dos navios e a partir do séc. XIII de cela-petição para os monges que praticavam faldas graves.



Túmulo de D. Afonso de Castro frente a frente com o do seu marido e Rei D. Pedro I. Colocadas frente a frente para que, segundo a tradição, possam ver-se 'lago que se lavavam nos rios da vida da Resu mção'.



No braço sul do transepto a **capela** dedicada à **Virgem de S. Bernardo**. Obra de uma equipa de monges artistas, inicialmente dedicada a S. Vicente, esta capela foi mudada em virtude do aumento de paredes a norte e a sul. Foi iniciada em 1607 e terminada em 1705. Sofreu vinda emo dos soldados franceses e foi mal restaurada pelos monges no séc. 19, que as taparam os arcos de arcaria, as figuras, permitindo o apelo mesmo interno, deste grupo.



Construído no séc. XVI, a **cozinha** ocupa, para além do espaço do calcatório (antiga sala dos monges cozias), o de um pátio exterior para onde davam as janelas de Sala dos Monges e do Refeitório. Levantina. Destinava-se a lavar as mãos antes das refeições.



Panteão Real em sala dos Túmulos, com anteriormente ao tempo de D. Afonso II se encontravam no transepto. Esta Sala é uma intervenção construída entre 1770-1782 por Lourenço de Almeida (Marquês de Anselmo), um estilo neoclássico, mas esta intervenção se realizou em D. Ulisses D. Brasil e seus filhos Filipe D. Fernando, D. Vicente e D. Sancho.



O Refeitório, tem colunas de capitéis com motivos vegetais, e o seu pulpito do Lector A antiga cozinha desapeçada no séc. XVIII quando da construção do Claustro de D. Afonso VI, fazia a ligação com este refeitório por uma abertura estreita que se encontra atrás do pulpito.



Túmulo de D. Pedro de 1366, com estatuja jacente, ladeada de anjos, tem, nas faces laterais belas acicillas com cenas da vida de S. Bartolomeu. Num friso superior, em pequenas edículas, cenas da vida da família real. No frontal dos pés o rei recebe o viático e a extrema-unção. No frontal da cabeceira, a parte mais bela de todo o túmulo, uma grande roscea formada por dezeto edículas dispostas em duas faixas circulares concêntricas, revela, segundo Manuel Vieira Natividade, a vida dos dois amantes, a morte de nós e o castigo dos assassinos. Na parte inferior da roscea, num pequeno túmulo com estatuja jacente, uma inscrição que, sem suscitado viva controvérsia quanto à sua leitura, assim como toda a interpretação da própria roscea.



Na galeria do refectório do claustro de D. Ulisses fica a **Lavabo**, com o seu tanque que recebe água de um pequeno braço do rio Alcoa - a Levantina. Destinava-se a lavar as mãos antes das refeições.



Galeria do Capítulo ou da Terça

Galeria do Refeitório

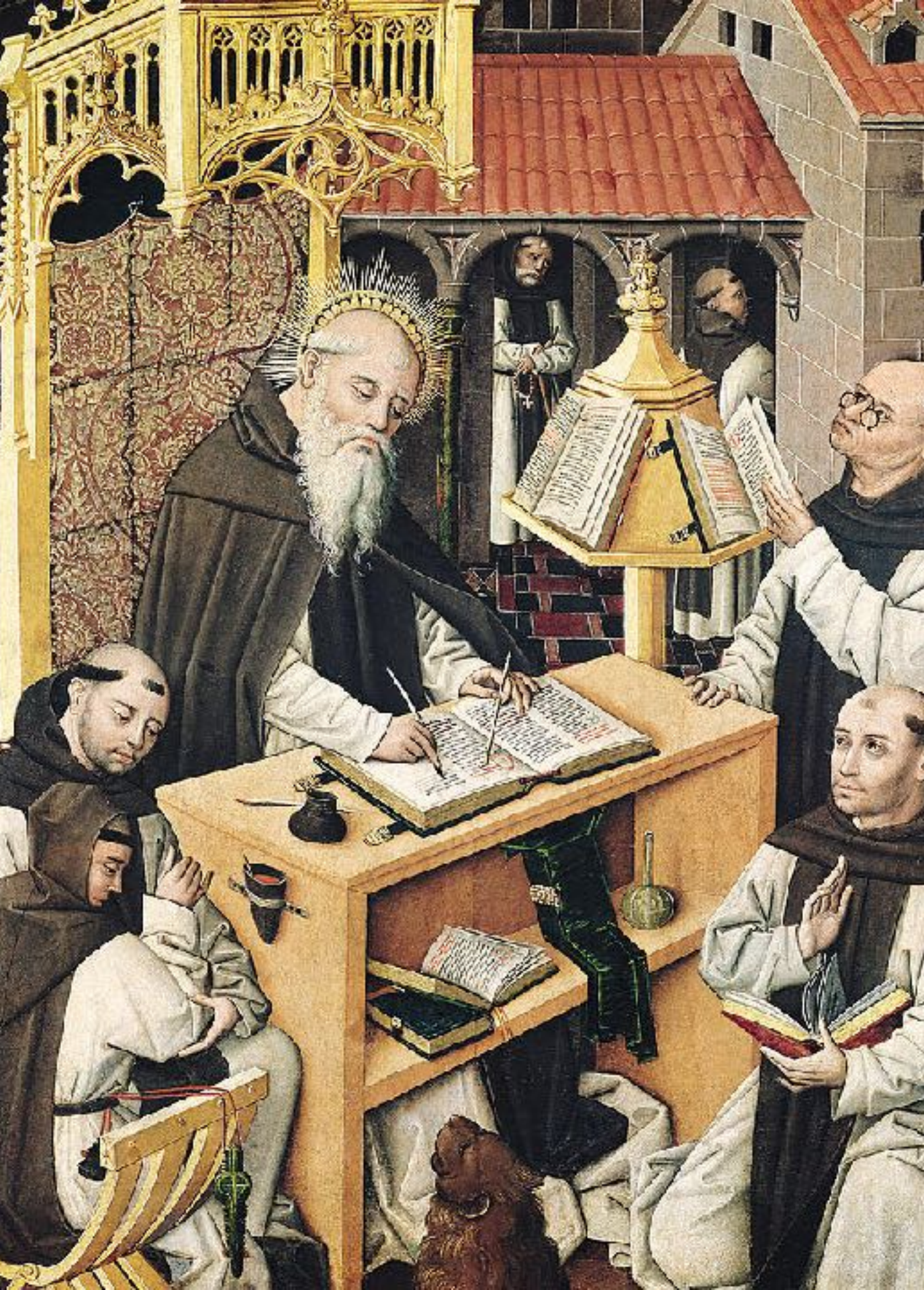
Galeria de Leitura



Este **Claustro do Silêncio** foi construído entre 1308-1311 durante o reinado de D. Dinis e é obra de dois mestres que se sucederam, Domingo Domingues e Mestre Diogo. Uma inscrição frente à Sala do Capítulo, indica o ano e o dia em que foi começado. Este claustro deve ter substituído outro de tempo da fundação, de estrutura mais simples e de menor altura, como atestam os vestígios nas misas da parede do lado da Igreja do Capítulo. No final do reinado de D. Manuel I em 1520 é acrescentado o segundo piso do claustro por Nicolau de Charterene. Este claustro também conhecido por claustro do silêncio, por nele não ser permitido falar. Aliás essa era uma regra geral dos monges do cister, o voto do silêncio em caso de emergência a comunhão se por gestos e se podiam falar com o prior num determinado dia.

A **Sala dos Reis**, construída no séc. XVIII, no espaço que primeiro pertenceu à Ala das Conversas, e depois, segundo Frei Manuel do Figueiredo, foi "lugar de sepultura e Igreja para a população", tem no fecho de abóbada central as Armas Reais. As paredes são revestidas com azulejos do séc. XVII, ilustrando os episódios lendários da fundação do Mosteiro, desde o voto de D. Afonso Henriques ao lançamento da primeira pedra. Apoiadas em misas temos as estatuas dos Reis de Portugal até D. José I feitos pelos monges. Numa grande misa, um grupo simbólico em terracota representa a conceção de D. Afonso Henriques por S. Bernardo e pelo Papa Alexandre II.

Mosteiro de Alcobaça



Centros de oração, meditação e ascese, os mosteiros deste período foram **centros dinamizadores da economia** (difusores de técnicas e práticas agrícolas inovadoras, incentivadores do artesanato e do comércio, etc.), em avançados **centros de produção cultural na teologia, nas letras e nas ciências e em escolas**. Exerceram, assim, importante papel civilizacional.



Fim